



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JOÃO VÍTOR PEREIRA DA SILVA

HISTÓRIAS DO FUTEBOL NO INTERIOR DO BRASIL: KABURÉ ESPORTE
CLUBE

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO
2025

João Vítor Pereira da Silva

Histórias do futebol no interior do Brasil: Kaburé Esporte Clube

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Tocantins, Câmpus
Universitário de Miracema do Tocantins, para
obtenção do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlo Ribeiro.

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586h Silva, João Vítor Pereira da.
Histórias do futebol no interior do Brasil: Kaburé Esporte Clube. /
João Vítor Pereira da Silva. – Miracema, TO, 2025.
44 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Educação Física, 2025.
Orientador: Jean Carlo Ribeiro

1. Tocantins - Equipes esportivas. 2. Colinas do Tocantins -
Historia. 3. Kaburé Esporte Clube - Historia. 4. Futebol - Historia -
Tocantins. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JOÃO VÍTOR PEREIRA DA SILVA

HISTÓRIAS DO FUTEBOL NO INTERIOR DO BRASIL: KABURÉ ESPORTE CLUBE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Tocantins, Câmpus
Universitário de Miracema do Tocantins, para
obtenção do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientador: Prof. Dr. Jean Carlo Ribeiro.

Data de aprovação: / /

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jean Carlo Ribeiro – Orientador - UFT

Profa. Dra. Daniele Bueno Godinho Ribeiro – Examinadora – UFT.

Prof. Ms. Lucas Xavier Brito – Examinador – UFT.

Dedico este trabalho a todas as pessoas que sempre me apoiaram e não abandonaram esse sonho, em especial a meu avô Nermizo Pereira da Silva (*in memoriam*) e minha mãe, Neuziran Pereira Silva, que sempre foram sinônimos de luta e perseverança na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e perseverança que sempre me acompanharam ao longo dessa jornada. Sem Sua orientação, nada disso seria possível. Aos meus pais, por todo o amor, apoio incondicional e por acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores em qual eu vim a fraquejar e querer desistir. A paciência e compreensão de vocês foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus professores e professoras , que contribuíram diretamente na minha formação acadêmica, os puxões de orelha, a cada ajuda que os mesmos esclareceram frente as dúvidas durante a formação, não poderia deixar de expressar minha gratidão nominalmente a cada um deles: Alderice Pereira da Silva Quixabeira, Daniele Bueno Godinho Ribeiro, Daniele Vasco Santos, Jean Carlo Ribeiro, Kliver Antônio Marin, Lucas Coelho dos Santos, Lucas Xavier Brito, Marciel Barcelos Lano, Marcus Vinicius Nascimento Ferreira, Rodrigo Lema, Ruhena kelber Abrão Ferreira, Taiza Daniela Seron, Valdilene Wagner, Vicente Cabrera Calheiros e Vitor Antônio Cerignoni Coelho; os mesmos compartilharam seus conhecimentos e me desafiaram a crescer, tanto no aspecto acadêmico quanto pessoal. Cada ensinamento foi um degrau a mais nessa trajetória.

Aos meus amigos e colegas, que foram uma fonte constante de apoio e inspiração. A troca de experiências e a parceria ao longo de todo o curso fizeram toda a diferença para a conclusão deste trabalho. Em especial, agradeço a Dannytchelly Alves Iemes, Saulo Pereira de Carvalho e Withy Ranny Santana Lopes, que me ajudaram diretamente neste projeto, seja com ideias, *feedbacks* ou simples palavras de encorajamento.

Agradeço de forma especial ao meu orientador Jean Carlo Ribeiro, por sua dedicação, orientação e pelo constante incentivo. Todo seu conhecimento e compromisso foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou profundamente grato pelas valiosas orientações, sugestões e pela paciência em todas as etapas do processo.

RESUMO

A presente pesquisa investigou a trajetória do clube de futebol Kaburé Esporte Clube da cidade de Colinas do Tocantins, uma entidade esportiva de significativa relevância histórica e cultural no estado do Tocantins. A pesquisa se justifica pela carência de informações documentadas sobre equipes esportivas no estado do Tocantins. A metodologia adotada incluiu análise documental de atas, periódicos da época e fontes acadêmicas e de cunho memorialista, proporcionando uma abordagem contextualizada dos eventos mais significativos na trajetória do Kaburé Esporte Clube. Além de documentar suas conquistas esportivas, a pesquisa também buscou destacar impactos do clube na sociedade local, analisando suas influências nos aspectos sociais, culturais e econômicos da região. Este estudo não apenas visa preencher lacunas históricas sobre o Clube de Futebol Kaburé Esporte Clube, mas também contribuir para a valorização e reconhecimento do patrimônio esportivo e cultural do Tocantins, refletindo sobre sua importância como um componente significativo de identidade regional.

Palavra-chave: Kaburé Esporte Clube. Futebol. Tocantins.

ABSTRACT

This research investigate the history of the Kaburé Esporte Clube football club from the city of Colinas do Tocantins, a sports entity of significant historical and cultural relevance in the state of Tocantins. The research is justified by the lack of documented information about sports teams in the state of Tocantins. The methodology adopted will include documentary analysis of minutes, periodicals from the time and academic and memorialist sources, providing a contextualized approach to the most significant events in the history of Kaburé Esporte Clube. In addition to documenting its sporting achievements, the research also seeks to highlight the impacts of the club on local society, analyzing its influences on the social, cultural and economic aspects of the region. This study not only aims to fill historical gaps about the Kaburé Esporte Clube Football Club, but also contribute to the appreciation and recognition of the sporting and cultural heritage of Tocantins, reflecting on its importance as a significant component of regional identity.

Keywords: Kaburé Sports Club. Football. Tocantins.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
FTF	Federação Tocantinense de Futebol
GO	Goiás
TO	Tocantins
E.C	Esporte Clube

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	OBJETIVO DA PESQUISA.....	12
3	CENÁRIO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	13
4	LOCAL E CONTEXTO DA PESQUISA.....	14
4.1	A criação do estado do Tocantins.....	14
4.2	A criação de Colinas do Tocantins.....	16
5	MOVIMENTAÇÕES EM TORNO DO FUTEBOL NO (ANTIGO) NORTE GOIANO.....	19
5.1	Caminhos do futebol em Goiás.....	19
6	FUTEBOL EM COLINAS DE GOIÁS: KABURÉ ESPORTE CLUBE.....	23
7	UM FUTEBOL LEGITIMAMENTE TOCANTINENSE.....	27
7.1	Fase amadora.....	27
7.1.1	A Criação da FTF e os primeiros Torneios estaduais amadores.....	28
7.2	Profissionalização do futebol: Reflexos no Tocantins e no Kaburé Esporte clube.....	31
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O futebol é um dos esportes mais populares e praticados em todo o mundo, tendo evoluído de diferentes formas ao longo dos anos. As primeiras manifestações do futebol em moldes próximos ao jogo atual, remontam à Inglaterra a partir da década de 1840, através de uma prática chamada de “*mass football*”. Tratava-se de um jogo de rua agressivo, disputado com uma bola de bexiga de boi, agarrada em couro, que um sapateiro da cidade de Derby, lançava ao alto para que dois times com 50 ou mais jogadores de cada lado se esforçassem para fazê-la passar pela porta da cidade defendida pelo time adversário, sendo considerado o “goal” (MÁXIMO, 1999).

Por se tratar de uma prática violenta, esta foi banida por séculos, porém por volta de 1840, a rainha Vitória influenciada por um pedagogo chamado Thomas Arnold, pôs fim a essa proibição, passando o “*mass football*”, a ser praticado sem nenhuma proibição (MÁXIMO, 1999).

No Brasil, registros apontam que a prática do *football* foi introduzida pelo paulistano filho de ingleses Charles Miller no ano de 1895, depois de sua volta da Inglaterra para o Brasil, após um período de estudos na cidade de Southampton. No seu regresso ao Brasil, Charles trouxe um livro de regras e uma bola. Esse movimento possibilitou a prática da modalidade por estudantes de elitizadas escolas de São Paulo e posteriormente do Rio de Janeiro (CALDAS, 1990; MÁXIMO, 1999).

Alguns estudiosos garantem que antes de Miller trazer o futebol para o Brasil, já haviam acontecido algumas partidas de futebol nas praias realizadas por marinheiros, alguns colégios católicos também já tinham promovido jogos de futebol (RAMOS, 1984).

O futebol atualmente é visto como um fenômeno sociocultural de impacto em todo o planeta. Com mais de 256 milhões de praticantes, o futebol é considerado por muitos, o esporte mais popular do mundo, e sua popularidade continua crescendo. No Brasil é uma prática esportiva amplamente valorizada pela população, sendo considerada uma paixão nacional em virtude de sua grande difusão, o que o consagra como uma prática bastante popular. A incorporação do futebol à identidade nacional brasileira é notória, levando o país a ser reconhecido internacionalmente como o “País do Futebol”, devido às suas conquistas em competições globais.

Com a difusão do futebol em todo o território brasileiro, emergiu um processo gradual de profissionalização da modalidade, com o intuito de aperfeiçoar a gestão de

competições, estabelecer registros de clubes, partidas e atletas, além de refinar as normativas do jogo. Esse movimento, em consonância com a expansão da popularidade do esporte, desempenhou um papel crucial no desenvolvimento e na institucionalização do futebol como uma atividade profissional e normatizada no Brasil.

De acordo com Rodrigues (2007), no Brasil, o futebol passou por fases distintas. A primeira entre 1895 e 1904 ficou caracterizada como a fase da introdução do futebol no país. Nesse período, criaram-se os primeiros clubes urbanos e o esporte era praticado por grupos pertencentes a elites sociais. No início do século XX (1905 – 1933), a fase do amadorismo era símbolo de distinção social. Somente na década de 1930 (1933 – 1950) o futebol veio a se profissionalizar, caracterizando a fase de maior democratização e profissionalismo. No mundial de 1950 o futebol brasileiro ficou conhecido pela astúcia, improviso, elasticidade, individualidade e criatividade de seus jogadores, caracterizando na época, o “futebol arte”. Nessa fase (1950 – 1970), ocorreu um período chamado de reconhecimento internacional e comercialização do futebol, que se concretizou em 1970. A partir daí, houve um aumento em investimentos financeiros e visibilidade televisiva, fazendo com que, gradualmente, o futebol alcançasse rumos mercadológicos inimagináveis no início do século.

O processo de profissionalização do futebol no Brasil partiu de uma ideia conservadora. Inicialmente, os clubes esportivos disputavam campeonatos de futebol com equipes formadas obrigatoriamente por sócios-atletas (aqueles com direito a frequentar as sedes sociais). Na busca por melhores resultados, aos poucos foram migrando para um novo regime, podendo arregimentar jogadores de qualquer condição social, contratados como empregados, sem precisar “macular” seu quadro social (MÁXIMO, 1999).

Direcionando olhares para o antigo norte goiano, é possível notar registros da presença de movimentações em torno do futebol no antigo norte goiano pelo menos desde a década de 1920. À época, iniciativas governamentais ligadas à tentativa de propagação de um novo “paradigma civilizacional”, investem entre outras coisas, na difusão de esportes entre comunidades indígenas locais (MELLO, 1980).

Durante a década de 1950 já era possível notar o surgimento de clubes de futebol na região (ÉCOS DO TOCANTINS, 1951). Algumas décadas depois, a Liga Esportiva de Araguaína (LEA), criada em 1979, organizava torneios de futebol no extremo norte do atual território do estado do Tocantins (JORNAL DO TOCANTINS, 1979).

Considerando este contexto, a presente pesquisa volta-se para a unidade federativa mais jovem do país: o Tocantins. Criado em 5 de outubro de 1988, é o estado mais recente a ser integrado à federação brasileira, após ter seu território desmembrado do estado de Goiás. Contribuíram para essa divisão, além das disparidades culturais, a distância geográfica e o isolamento de várias cidades na região norte do estado em relação à capital, Goiânia. Motivada por movimentos separatistas, a criação do novo estado buscou atender demandas específicas e necessidades regionais dessas áreas remotas, as quais se sentiam marginalizadas em relação ao centro político e econômico do antigo estado de Goiás.

A pesquisa incidiu sobre a cidade de Colinas do Tocantins, estabelecida em 21 de abril de 1960 como Colinas de Goiás, após ser desmembrada do município de Tupiratins. Com a fundação do estado do Tocantins, o município foi renomeado como Colinas do Tocantins.

O estudo foi direcionado a um clube de futebol sediado na cidade, que desempenhou um papel significativo na introdução e no desenvolvimento do futebol no recém-criado estado. Analisar sua trajetória, pode colaborar em melhor compreensão da história e evolução do futebol na região do Tocantins, enfatizando sua importância no cenário esportivo e cultural local.

A pesquisa se justifica devido à escassez de informações em nível acadêmico e científico sobre equipes esportivas no estado do Tocantins. Neste sentido, buscamos analisar a história e a trajetória do clube de futebol Kaburé Esporte Clube da cidade de Colinas do Tocantins, com o intuito de relatar sua história no contexto do futebol, investigando inclusive razões que resultam na falta de documentação disponível sobre sua fundação, desempenho esportivo e impacto na comunidade local.

2 OBJETIVO DA PESQUISA

O presente estudo tem como objetivo descrever a trajetória do Kaburé Esporte Clube no contexto do futebol tocantinense entre os anos de 1985 e 1997. Sediado na cidade de Colinas do Tocantins, o clube desempenhou um evidente papel de impacto no desenvolvimento e ações esportivas na região durante esse período.

Fundado em 5 de janeiro de 1985, o Kaburé E. C. surgiu como uma potência competitiva no cenário do futebol tocantinense destacando-se não apenas por suas conquistas em campo, mas também pelo seu impacto na comunidade local. Ao longo dos anos, o clube enfrentou desafios os quais refletiram as transformações no próprio cenário esportivo do estado.

Durante esse período, o Kaburé E. C. participou ativamente de competições locais, estaduais e até mesmo nacionais, contribuindo para a promoção e o crescimento do futebol no Tocantins. Seus feitos esportivos, assim como suas iniciativas sociais e comunitárias, deixaram um legado significativo na história do esporte na região.

Este estudo busca analisar os principais eventos, conquistas, desafios e impactos do Kaburé E. C. no contexto do futebol tocantinense entre os anos 1985 a 1997, oferecendo uma visão abrangente da trajetória deste clube esportivo.

3 CENÁRIO METODOLOGICO DA PESQUISA

O presente estudo caracteriza-se por uma análise documental seguindo as indicações feitas por Bruyne, Herman e Schoutheete (1991), que consideram como fontes para este tipo de pesquisa, documentos de origem privada ou oficial, sejam eles arquivos, relatórios, estatísticas, direta ou indiretamente pertinentes, referindo-se à instituição ou a situações estudadas. Assim, por meio de atas, jornais da época pesquisada e sítios na internet, foram buscados fatos ou acontecimentos da movimentação do futebol no estado do Tocantins, respectivamente na cidade de Colinas do Tocantins.

Nesta pesquisa, foram extraídas informações de jornais da época, artigos, livros sobre futebol e trabalhos de pesquisa científica relacionados ao tema. A consulta foi realizada em um computador com acesso à internet, acessando fontes disponíveis relacionadas ao futebol, com ênfase nas colunas e matérias dedicadas ao esporte, especialmente ao futebol no estado do Tocantins. Foram destacadas na pesquisa informações como: nomes dos clubes, torneios, ligas esportivas, personalidades de destaque da sociedade envolvidas com o esporte local, figuras políticas, dirigentes de clubes e ligas, infraestrutura, resultados dos jogos, promoções realizadas pelos clubes e arrecadação financeira dos jogos.

Percebida a notícia desejada, foi salva a fonte de divulgação para análise sendo os arquivos identificados e transferidos para uma pasta em “nuvem” (*cloud computing*) em ordem crescente, iniciando no ano de 1985 a 1997. Após esse trabalho, foi realizado um fichamento organizado por edição e ano, em que as notícias foram aglutinadas por temas, direcionando as informações para a composição do texto.

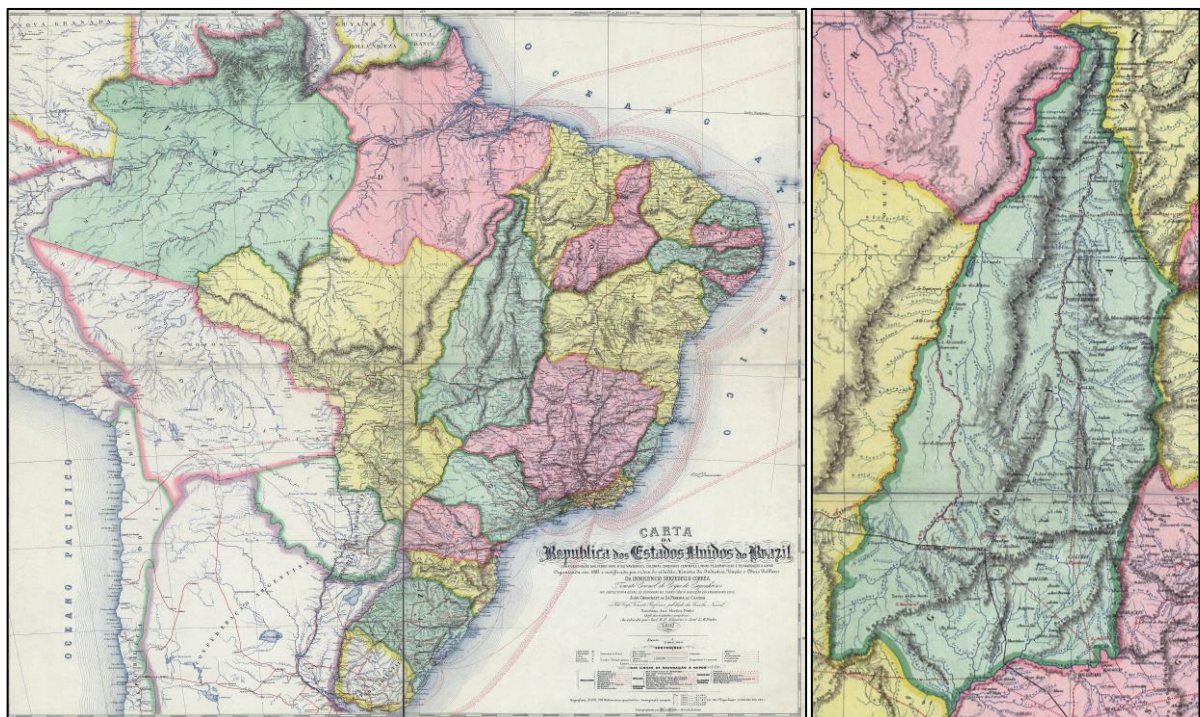
4 LOCAL E CONTEXTO DA PESQUISA

4.1 A criação do estado do Tocantins

No século XVIII, em consequência da mineração, o norte de Goiás era sinônimo de riqueza, mas, com a decadência dessa atividade e o advento da pecuária, os processos de desenvolvimento econômico ficaram localizados mais à região sul do estado. A maior proximidade com as regiões sul e sudeste e com rotas comerciais já estabelecidas facilitou o fluxo de mercadorias. Com isso, outros espaços mais ao norte e distantes desse eixo submergiram em uma estagnação econômica, tornando-se conhecidos como lugares de abandono, miséria e pobreza (PALACIN, 1989).

Segundo Nascimento (2009), o norte de Goiás sempre sofreu com a desatenção das autoridades que governavam o estado a partir da distante capital de Vila Boa de Goiás (Goiás) e a partir da década de 1930, de Goiânia.

Figura 1 - Mapa do Brasil com destaque do estado de Goiás (1892)



Fonte: Carta da Republica dos Estados Unidos do Brazil (1892).

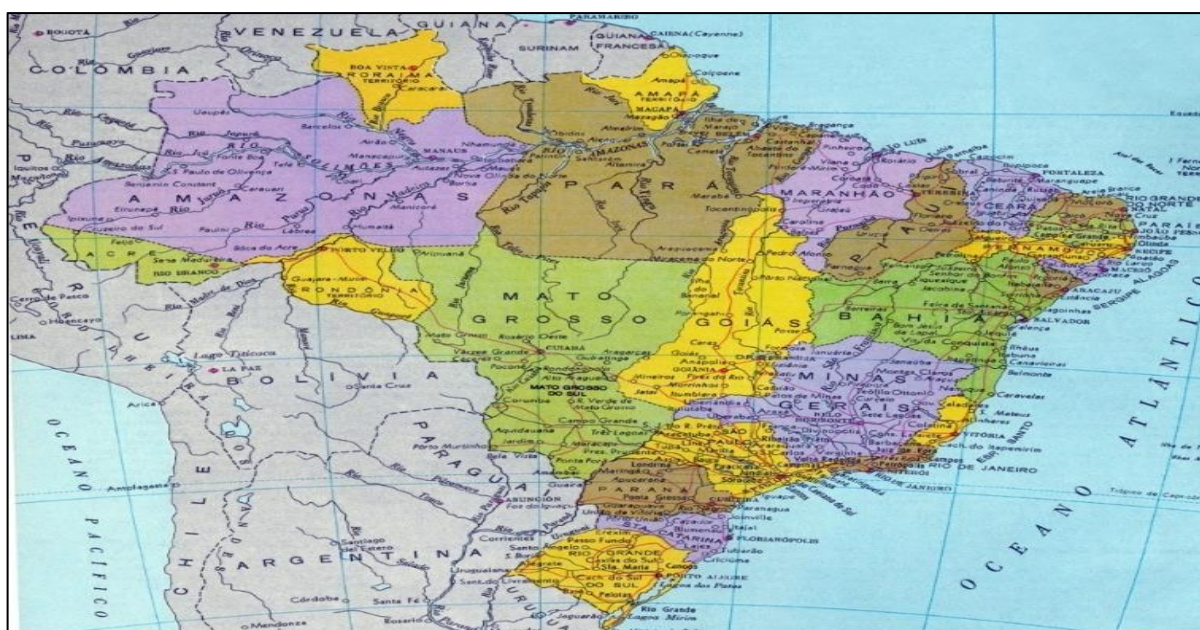
Com o descontentamento da política econômica adotada pelos governantes e o isolamento da região, despontaram os primeiros movimentos em prol da causa separatista, que com o tempo se avolumou. Joaquim Teotônio Segurado, ouvidor da comarca de São João da Palma, entre 1808 a 1814 foi um dos primeiros a capitanear

um movimento separatista do Norte da província de Goyaz. Outros movimentos foram acontecendo ao longo do tempo.

Aliás, propostas não faltaram, entre as quais tivemos a do Deputado Visconde de Taunay, que utilizou os estudos elaborados pelo geógrafo e historiador Francisco Adolfo de Varnhagen. Visconde de Taunay apresentou em duas ocasiões no congresso nacional (1873 e 1879) a criação da Província de Boa Vista do Tocantins, a ser formada com terras do norte goiano, com a capital em Tocantinópolis. Outra proposta muito debatida foi a do deputado paraense João Cardoso de Meneses e Sousa, que apresentou um projeto em que se criava a Província do Norte, anexando parte do Pará, Maranhão e Goiás. O projeto foi rejeitado em função das pressões dos governos das três províncias, que não aceitavam ceder parte de seus territórios (NASCIMENTO, 2009, p. 31).

O movimento separatista ganhou novo impulso em 1943 com o Brigadeiro Lysias Augusto Rodrigues. Conhecedor do norte de Goiás, propôs ao presidente Getúlio Vargas a criação do Território Federal do Tocantins, com a capital em Pedro Afonso ou Carolina. A proposta não avançou como o esperado e Getúlio Vargas foi destituído do cargo em 1945 (NASCIMENTO, 2009). Em 1956, uma campanha popular deflagrou o Movimento Autonomista de Porto Nacional, liderado pelo juiz de Direito Feliciano Machado Braga e outros membros da sociedade portuense. O movimento findou-se em 1961 com a transferência do juiz para a cidade de Anápolis (NASCIMENTO, 2009).

Figura 2 - Mapa do Brasil em 1979



Fonte: Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções, 1979

Nas décadas de 1970 e 1980 o movimento ganhou força no Congresso Nacional. Com o surgimento da guerrilha do Araguaia, congressistas julgaram necessário incentivar o crescimento populacional da região do “bico do papagaio”, extremo norte de Goiás. Em 1985 o já deputado federal José Wilson Siqueira Campos (PSD-GO) e logo em seguida o deputado Benedito Ferreira (PSD-GO) apresentaram ao Congresso Nacional um projeto de lei para criação do estado do Tocantins. Aprovado pelos parlamentares, foi encaminhado ao presidente José Sarney que o vetou nas duas ocasiões (NASCIMENTO, 2009)

Figura 3 - Mapa Goiás/Tocantins



Fonte: Googlemaps (2025).

Em 1988 depois de uma movimentação popular liderada pelos deputados José Wilson Siqueira Campos e José Freire em parceria com membros das Comissão de Estudos dos Problemas do Norte (CONORTE) e da Casa do Estudante do Norte Goiano (CENOG), foi aprovada a emenda que deu origem ao estado do Tocantins, trazendo uma perspectiva de desenvolvimento a uma região que viveu séculos em isolamento (NASCIMENTO, 2009).

4.2 A criação de Colinas do Tocantins

O município de Colinas do Tocantins está situado na Mesorregião Ocidental do Tocantins e é a sede da 5ª Região Administrativa do Estado. Sua origem remonta à

abertura da BR-14, conhecida como Belém-Brasília (agora BR-153), que atraiu migrantes de várias partes do país para o povoado recém-fundado de Nova Colina, em busca de terras férteis, oportunidades comerciais e empregos.

Em janeiro de 1960, antes da inauguração de Brasília marcada para 21 de abril do mesmo ano, líderes políticos e moradores locais se uniram para fundar uma nova cidade nas planícies elevadas da margem direita do ribeirão Capivara. O objetivo era atrair imigrantes fascinados pela abertura da rodovia Belém-Brasília. O prefeito José Cirilo de Araújo liderou essa iniciativa, distribuindo lotes urbanos em 21 de abril de 1960, o mesmo dia da inauguração de Brasília.

Figura 4 - Mapa do estado do Tocantins com destaque do município de Colinas do Tocantins



Fonte: Googlemaps (2025).

A nova cidade, inicialmente chamada de Colinas de Goiás, foi projetada por José Cirilo de Araújo, que utilizou a rodovia Belém-Brasília como avenida principal, denominada Bernardo Sayão. Ruas largas, grandes praças e um plano diretor moderno foram estabelecidos. O primeiro lote foi concedido a Cândido Pedro da Silva, conhecido como Cândido Cobra, e logo as construções residenciais e comerciais começaram.

Figura 5 - Brasão e bandeira do município de Colinas do Tocantins



Fonte: Googlemaps (2025).

Em 2 de abril de 1962, o povoado de Nova Colinas foi elevado à categoria de vila/distrito pela Lei Municipal nº 26, e posteriormente, em 23 de outubro de 1963, pela Lei nº 4.707, foi elevado a município autônomo com o nome de Colinas de Goiás. Com a criação do Estado do Tocantins, em 1989, o município teve seu nome alterado para Colinas do Tocantins. A festa religiosa anual em louvor à Padroeira Nossa Senhora Aparecida é celebrada em 12 de outubro. Este evento marca a devoção religiosa da comunidade local e representa uma parte importante da cultura e tradição da região (NASCIMENTO, 2024).

5 MOVIMENTAÇÕES EM TORNO DO FUTEBOL NO (ANTIGO) NORTE GOIANO

5.1 Caminhos do futebol em Goiás

Os primeiros registros de práticas esportivas em Goiás são datados de 1907 e descrevem partidas de futebol organizadas por estudantes do Lyceu de Goiaz, na então capital, cidade de Goiás. Neste período, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a presença de imigrantes ingleses e o entusiasmo das elites locais com o novo *sport* bretão, já teriam contribuído para uma larga popularização do futebol. O Rio de Janeiro em 1906, já registrava a presença de mais de 30 clubes de futebol e as partidas já aconteciam tanto lá quanto em São Paulo, desde os anos finais do século XIX (RIBEIRO, 2021).

Em Goiás, durante a década de 1910, com o surgimento das primeiras equipes de futebol em diferentes municípios, a realização de jogos era dificultada pelas distâncias, já que as viagens eram realizadas geralmente a cavalo. Essa característica aos poucos fez com que o futebol se “regionalizasse” em grupos de cidades, que se compunham pela maior proximidade. Por se tratarem em sua maioria de municípios de baixa densidade demográfica, era difícil surgir mais de uma equipe por cidade, o que fomentava uma interação entre estas (RIBEIRO, 2021).

No norte goiano, há registros de movimentações em torno do futebol pelo menos desde a década de 1920. À época, iniciativas governamentais ligadas à tentativa de propagação de um novo “paradigma civilizacional”, investem entre outras coisas na difusão de esportes entre comunidades indígenas. Em 1930 no Posto Redenção Indígena, localizado na Ilha do Bananal, jovens índios praticavam, várias modalidades de esportes, especialmente a natação, o polo aquático e o futebol. Nessa época, o Posto chegara a conhecer o “Esporte Clube Índio Carajá”, equipe de futebol que em 1929 registrou 31 treinos e 7 jogos oficiais, além de 4 seções ordinárias e 3 extraordinárias, demonstrando a popularidade da modalidade por ali (DIAS, 2012).

Desde a Proclamação da República em 1889, a ideia de transferir a capital de Goiás, localizada na cidade de Goiás, era objeto de discussão. A Constituição de 1891 manteve a capital na antiga região aurífera, mas com o declínio do ciclo do ouro, a cidade de Goiás, anteriormente conhecida como Vila Boa, já havia perdido sua hegemonia econômica no estado. Em contraste, cidades envolvidas na pecuária e na

agricultura, situadas mais ao sul do estado, passaram a ganhar importância econômica e política, superando a capital tradicional.

O golpe de estado de 1930, um movimento armado liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, resultou na ascensão de Getúlio Vargas como chefe do Governo Provisório do Brasil. Ao assumir o poder, Vargas revogou a Constituição de 1891 e governou por decretos, nomeando interventores para os governos estaduais. Em Goiás, o médico Pedro Ludovico Teixeira, que participou ativamente da revolução, foi nomeado interventor e se posicionou contra a oligarquia política vigente em Goiás e decidiu que era necessário transferir a capital do estado. Ele acreditava que essa mudança impulsionaria a ocupação do território goiano, direcionando a população excedente para áreas demograficamente vazias, aumentando assim, a produção econômica. A mudança da capital era vista pelo interventor como uma estratégia para conectar o Centro-Oeste ao sul/sudeste do Brasil, promovendo desenvolvimento regional (RIBEIRO, 2021).

Após o lançamento da pedra fundamental e início das obras da nova capital em 24 de outubro de 1933 (que a partir de 1935, seria nomeada de Goiânia), o universo esportivo não passaria incólume à paulatina transição em curso e seus impactos reverberavam nos clubes vilaboenses. Em fevereiro de 1936, uma reunião foi convocada na cidade de Goiás para a escolha de uma nova diretoria para a Associação Atlética União Goyana. O motivo era a transferência de seu presidente Irlany Alves Ferreira e de boa parte de seus diretores para Goiânia (RIBEIRO, 2021).

Esse fluxo de migração teve influência direta na fundação da “União Americana Esporte Clube”, primeiro clube esportivo fundado em Goiânia. A agremiação surgiu a partir de uma reunião de 17 rapazes no dia 28 de abril de 1936, em prédio localizado na avenida 24 de Outubro no bairro de Campinas. A presença de elementos associados à “Associação Athletica União Goyana” e ao “América Esporte Clube”, ambos da cidade de Goiás, direcionou a escolha do nome do novo clube (RIBEIRO, 2021).

Outros clubes foram surgindo tais como o “Goiânia Clube” (ainda em 1936) e o “Atlético Clube Goianiense”, fundado no dia 02 de abril de 1937, geralmente com objetivos de promover “diversões variadas” para além do futebol. Entre elas: sessões literárias, teatrais e artísticas, saraus dançantes e recreativos, jogos esportivos e familiares e sessões educativas (TELES, 2005; RIBEIRO, 2021).

Na região do antigo norte goiano (atual estado do Tocantins) a movimentação em torno do futebol também incentivava a criação de clubes e formação de equipes. No ano de 1951 nascia por intermédio de apreciadores do futebol local a Agremiação esportiva “Pium Esporte Clube” da cidade de Pium de Goiás (ÉCOS DO TOCANTINS,1951).

Em 1956, um torneio intermunicipal de futebol foi realizado na cidade de Carolina do estado no Maranhão, em alusão aos festejos de São Pedro de Alcântara, padroeiro da cidade. Além da equipe da cidade, a competição contou com a participação de equipes de Balsas do Maranhão e de Pedro Afonso de Goiás (ÉCOS DO TOCANTINS,1956).

Na região do “Bico do Papagaio” extremo norte do estado, município de Araguaína, já no final da década de 1970, a LEA (Liga de Esportes de Araguaína), organizava torneios e campeonatos de futebol que envolviam equipes da região. Os meios de comunicação da época destinavam tempo e publicações para retratar o cotidiano do futebol local. A Rádio Araguaia por exemplo destinou o horário das 12h (meio-dia) para uma programação exclusiva do esporte por meio do programa “Esporte em Destaque”. O Jornal do Tocantins em 18 de maio de 1979, promoveu destaque sobre o futebol de Araguaína na sua primeira edição. Uma página inteira para os leitores se informarem do quadrangular final do campeonato municipal de Araguaína e dos principais acontecimentos do futebol na capital Goiânia (CARVALHO, 2023).

Naquela primeira edição, é possível perceber que o futebol em Araguaína, apesar da característica amadora, apresentava uma sistematização promovida pela Liga de Esportes de Araguaína (LEA), responsável por gerir os campeonatos, transferências, locais, horário dos jogos, dos treinamentos e o escalonamento dos árbitros para as partidas. A LEA, ainda em 1979, em Araguaína promoveu o Campeonato Araguaianense de Futebol, a Taça da Cidade de Araguaína e o Torneio de Integração do Norte de Goiás, conhecido popularmente por “TIN” (CARVALHO, 2023).

Após a criação do estado do Tocantins, surge a proposta para a criação da Federação Tocantinense de Futebol (FTF) em 1990, que ficaria encarregada de coordenar os campeonatos e torneios de futebol na recém-criada unidade federativa. Em 7 de abril do mesmo ano, o então Secretário de Educação e Cultura do estado, Leomar Quintanilha, convocou clubes e ligas já estabelecidos na época e estabeleceu

a FTF na cidade de Miracema do Tocantins, então capital provisória do estado (CARVALHO, 2023).

Após a fundação e sua eleição como primeiro presidente da entidade, Leomar Quintanilha colaborou na regularização jurídica dos clubes e ligas do estado, além de organizar o Campeonato Estadual Amador de 1990. Posteriormente, ele buscou a filiação da FTF à Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Em 1993, apresentou à CBF as realizações da FTF em seus dois primeiros anos de existência e propôs a profissionalização do futebol no estado. Na ocasião, a proposta foi aprovada, permitindo a participação de equipes tocantinenses em competições nacionais patrocinadas pela entidade nacional (FTF).

6 FUTEBOL EM COLINAS DE GOIÁS: KABURÉ ESPORTE CLUBE

No norte do estado, especificamente em Colinas de Goiás, em 5 de janeiro de 1985, foi estabelecido o Kaburé Esporte Clube por um coletivo de indivíduos da localidade com o objetivo de participar de competições esportivas em fazendas e povoados vizinhos. Desde o início de suas atividades futebolísticas, o clube adotou a coruja “Caburé” como sua mascote, uma ave da espécie, de pequeno porte, existente na região (SILVA JUNIOR, 2012).

A escolha da mascote foi influenciada pela frequente presença da coruja durante partidas de futebol da equipe em propriedades rurais no município e região. Esta ave, caracterizada por seus voos rasantes e pousos sobre o campo, tornou-se uma figura bem-recebida pelos membros da equipe e pelos entusiastas do esporte. Devido a essa associação simbólica e à sua afinidade com a fauna local, a coruja Caburé foi oficialmente designada como mascote do clube, sendo incorporada ao seu escudo (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 6 - Coruja da espécie Caburé e escudo do clube



Fonte: Googlemaps (2025).

Estiveram presentes no dia da fundação clube: Ewaldo Borges de Resende, José Eustáquio Pires, Eduardo de Assis Albuquerque, Juscelino Ferreira da Silva, Paulo Cesar Capel, João Branco de Moraes Sobrinho, Pedro Alves Chaves, José Carlos Ximenes Leão, José Gaspar Silva Moraes, José Cândido, José Alves de Lima, José Nascimento Neto, José Messias, Inaldo G. Guimarães Filho, Claudson Santana Batista, Antônio Pereira dos Anjos, Nelson Alves Castro, Luiz Bispo Dias Noletto,

Hamilton Fernandes Naves, Raimundo Costa, Ajuri Fernandes da Silva, Plínio Cesar Gracia, Roberto Batista, Wilson de Assis Sobrinho, Rubens Fernandes Marçal e Lucimar de Souza França (SILVA JUNIOR, 2012).

Os membros fundadores destacam que a criação do Kaburé E. C. derivou de uma dinâmica social informal entre amigos, todos profissionais liberais, que se reuniam nos fins de semana para participar de jogos de futebol em Colinas de Goiás e região. A reunião inaugural ocorreu em um estabelecimento da cidade conhecido como “Bar do Bentão”. Após a sua instilação, o Kaburé E. C. foi presidido por Ewaldo Borges de Resende, médico e ex-prefeito de Colinas. Tal nomeação reflete uma conexão estreita entre o clube e figuras proeminentes da comunidade local, bem como demonstra a diversidade de profissões e interesses presentes entre os fundadores do clube (SILVA JUNIOR, 2012).

Ainda em 1985, o Kaburé E. C., além de realizar jogos em fazendas e cidades circunvizinhas, disputou o Campeonato Municipal de Colinas de Goiás, ficando na 3ª colocação. O time titular era formado por: Hamilton Naves, Raimundo Costa, João Branco, Tonhão e Ajuri; Zezão, Juscelino, Eduardo Popô, Ewaldo, Zé Eustáquio e Nelson Dentista (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 7 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1985)



Fonte: Silva Junior (2012).

No ano de 1986, além de participar de partidas amistosas contra equipes de cidades vizinhas a diretoria priorizou a participação do campeonato municipal, levando

o clube à conquista da segunda colocação no torneio. Na partida final, a equipe do Kaburé Esporte Clube alinhou-se com os seguintes jogadores: Filetinho, Zezão, Juscelino, Zé Carlos, Hamilton Naves, Eduardo Popó, Gaspar, Mundeco, Vilmarzinho, Giordany e Warley (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 8 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1986)



Fonte: Silva Junior (2012).

No ano subsequente, em 1987, o Kaburé Esporte Clube avançou para a final do campeonato municipal pela segunda vez desde sua fundação. Visando fortalecer sua equipe para a disputa do campeonato daquele ano, o clube buscou reforços, entre eles Wilson de Assis (Wilsinho) e Rubens Marçal (Rubão); (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 9 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1987).



Fonte: Silva Junior (2012).

Os reforços levaram o clube à sua primeira conquista, o título de campeão municipal de Colinas de Goiás. O elenco era composto por: Pedro Galinha, Raimundo Costa, Tonhão, Rubão, Ajuri, Zezão, Juscelino, Eduardo Popô, Wilsinho e Zé Eustáquio (SILVA JUNIOR, 2012).

Em outubro de 1988, com a criação do estado do Tocantins, a cidade de Colinas de Goiás ganharia nova nomenclatura: Colinas do Tocantins. Simbolicamente, este marco representava um passo significativo para o desenvolvimento do futebol local. Ao longo do ano, após a conquista do campeonato municipal de Colinas de Goiás de 1987, o Kaburé E. C. continuava se desenvolvendo, com a composição de uma nova diretoria e a chegada de novos e jovens atletas que reforçavam o elenco. A equipe conquistava vitórias consistentes, consolidando-se como forte candidata ao bicampeonato municipal de futebol (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 10 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1988)



Fonte: Silva Junior (2012).

Pelo terceiro ano consecutivo, o Kaburé E. C. chegou ao jogo final e com a vitória tornou-se bicampeão do torneio. A equipe campeã era composta pelos seguintes atletas: Ajuri, Rubão, Juscelino, Zezão, Tonhão, Eduardo, Wilsinho, Raimundo, Zé Eustáquio, Eduardo Popó e Ademar. À essa altura o clube já era presidido por João Branco de Moraes, natural do Paraná, empresário e um dos fundadores do Kaburé E. C., reconhecido por seu comprometimento e paixão pelo esporte (SILVA JUNIOR, 2012).

7 UM FUTEBOL LEGITIMAMENTE TOCANTINENSE

7.1 A fase amadora

Em 1989, após a criação do estado do Tocantins, a equipe do Kaburé E. C. buscava seu terceiro título municipal. O clube também participou de um torneio regional que oferecia vaga ao campeão, para a participação no primeiro Campeonato Estadual de Futebol Amador do estado do Tocantins. Demonstrando sua hegemonia na cidade de Colinas do Tocantins, conquistou o tricampeonato municipal. A formação vitoriosa nesta conquista contou com: Filetinho, Zezão, Juscelino, Zé Carlos, Hamilton Naves, Eduardo Popó, Gaspar, Mundeco, Vilmarzinho, Giordany e Warley (SILVA JUNIOR, 2012).

Para a disputa do campeonato regional, a equipe contratou jogadores provenientes da cidade de Conceição do Araguaia do estado do Pará (Gentil, Babau, Martins e Luis Fusquinha) e também de Goiânia (Giordany, Sandro e Lucimar) e não decepcionou, conquistando o título regional ao derrotar o Colinas Campo Clube por 1 x 0 na partida final, com o gol decisivo marcado pelo recém-contratado meio campista Giordany. A formação campeã incluía também os atletas: Gentil, Martins, Zezão, Rubão e Lucimar na defesa; Babau e Juscelino no meio-campo; Wilsinho, Mundeco e Sandro no ataque (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 11 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1989)



Fonte: Silva Junior (2012).

Após essa vitória, a equipe, liderada pelo técnico Wilson Tapuio, concentrou seus esforços no Campeonato Tocantinense de Futebol Amador de 1989. Esta competição foi organizada por clubes e ligas pertencentes à antiga região norte goiana. Chegando à final, o Kaburé E. C. sagrou-se campeão, vencendo o Castelo Esporte Clube da cidade de Gurupi pelo placar de 3 x 1. A formação da equipe nesta partida foi: Martin, Gentil, Rubão, Rubinho, Lucimar, Zezão, Juscelino, Babau, Giordany, Wilsinho e Sandro (SILVA JUNIOR, 2012).

À essa altura presidia o clube Paulo César Capel, empresário de Goiânia e diretor das categorias de base do Atlético Clube Goianiense. Neste mesmo ano, o torcedor Martins, proprietário do Fénix Hotel na cidade de Colinas, compôs uma marchinha que se tornou o hino oficial do clube (SILVA JUNIOR, 2012).

7.1.1 A criação da FTF e os torneios estaduais amadores

No ano de 1990, o cenário do futebol experimentava certo crescimento no novo estado do Tocantins. Nesse contexto, em 7 de abril, o então secretário de estado da Educação e Cultura, Leomar Quintanilha, convocou uma reunião com os clubes e ligas existentes na época com o intuito de fundar a Federação Tocantinense de Futebol (FTF), estabelecendo sua sede na cidade de Miracema do Tocantins. Após a criação e sua eleição como primeiro presidente da entidade, Leomar Quintanilha auxiliou na organização jurídica dos clubes e ligas do estado, além da realização do campeonato estadual amador de 1990. Em paralelo, buscava também a filiação da FTF junto à Confederação Brasileira de Futebol.

No ano de 1990, o Kaburé E. C. testemunhou uma mudança em sua presidência, quando o então presidente Paulo Cesar Capel renunciou ao cargo, citando questões pessoais. Em decorrência desse acontecimento, José Gaspar Silva de Moraes assumiu a presidência do clube. O aumento da popularidade aos poucos redirecionava o cotidiano. Se anteriormente, o clube limitava-se a disputar partidas nos fins de semana e a realizar reuniões na casa de amigos, sob a liderança de Moraes, a organização caminhava na direção de uma equipe de futebol profissional. Isso incluía planejamento estratégico, treinamentos regulares e a contratação de jogadores de outros estados, que recebiam alojamento na cidade. Um preparador físico foi contratado, embora os treinos ainda fossem realizados apenas no período da tarde. Inicialmente, o uniforme era o único material fornecido pelo clube, porém, ao

longo do tempo, chuteiras, tênis, agasalhos para viagens e todo o equipamento de treinamento necessário passaram a ser disponibilizados (além de remuneração para os jogadores contratados). Além disso, o clube estabeleceu uma sede administrativa responsável por todas as operações administrativas e financeiras. Essas mudanças foram fundamentais para a consolidação e o crescimento contínuo do Kaburé E. C. (SILVA JUNIOR, 2012).

Em busca do bicampeonato do futebol amador do estado do Tocantins, o clube realizou diversas contratações, recrutando jogadores de diferentes estados como Pará, Goiás e Rio de Janeiro. No entanto, os resultados em campo não corresponderam às expectativas, levando o time a terminar o campeonato estadual na quinta colocação. A formação da equipe que encerrou o campeonato foi: Babauzinho, Rubinho, Juscelino, Edinaldo Pereira, Gentil, Paixão, Martins, Josa, Babau, Gilberto Carioca e João de Sousa (Cão). Esse desfecho evidenciou os desafios enfrentados pelo Kaburé E. C. na temporada, apesar dos esforços em fortalecer o elenco com contratações externas (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 12 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1990)



Fonte: Silva Junior (2012).

No ano seguinte, em 1991, o Kaburé E. C. empenhada em reverter o baixo rendimento no campeonato estadual amador, a diretoria optou por uma troca de técnico, substituindo Wilson Tapuio, campeão em 1989, por Carlúcio Divino Pereira, ex-atleta com experiência em vários clubes inclusive de outros estados. Com a chegada do novo treinador, a diretoria, buscou a contratação de novos jogadores

oriundos de Goiás, Pará e Maranhão. Do Atlético Goianiense-GO, foram contratados Paulo Dias e Kaverna; da cidade de Carolina-MA, o goleiro Ednaldo e o meia Vanderlei e de Conceição do Araguaia-PA, veio o volante Babauzinho, irmão de Babau, que já fazia parte do elenco do clube (SILVA JUNIOR, 2012).

Com a chegada desses reforços e a mudança de treinador, o Kaburé E. C. conquistou o bicampeonato do campeonato estadual amador do Tocantins em 1991. A vitória veio na partida final contra o Intercap de Paraíso-TO, disputada na cidade de Colinas do Tocantins, com um placar de 1 x 0, gol marcado por Wanderley. A formação da equipe bicampeã foi a seguinte: Edinaldo, Elinho, Paixão, Rubinho e Wanderley na defesa; Juscelino, Babau e Giordany no meio-campo; e Wilsinho, Paulo Dias e Josa no ataque (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 13 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1991)



Fonte: Silva Junior (2012).

No ano de 1992, já como bicampeão estadual amador, a diretoria optou por manter Carlucio Divino Pereira como treinador da equipe, visando à continuidade e estabilidade técnica. Além disso, contratou um novo preparador físico, empreendendo também esforços na busca por reforços. Jogadores de diferentes origens foram trazidos a Colinas, incluindo atletas dos estados de Goiás, Pará, Rio de Janeiro e Tocantins. Entre os novos contratados estavam: Zé Pretinho, de Guapó-GO; Sorim, de Santana do Araguaia-PA; Ray, de Redenção-PA; Sérgio, do Americano de Campos-RJ; Cão, de Araguaína-TO; e Gilberto Carioca, atleta de renome que havia passado por clubes como Atlético Goianiense, Fluminense, Vasco e Vitória de

Guimarães de Portugal. Gilberto Carioca, em particular, foi destacado por sua liderança e experiência (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 14 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1992)



Fonte: Silva Junior (2012).

Com boa campanha nas fases iniciais, chega às semifinais, mas com dificuldades financeiras e falta de patrocinadores, o clube enfrentou o União Atlético Araguainense e o resultado não foi o esperado. O time colinense não joga bem e perde pelo placar de 2 a 0 para o time de Araguaína-TO e termina o campeonato na quarta colocação. A formação básica no ano de 1992 contava com: Paulinho, Martins, Rubinho, Paixão, Warley; Babau, Juscelino, Giordany, Ednaldo Pereira, Gilberto Carioca e João de Sousa, apelidado de Cão (SILVA JUNIOR, 2012).

7.2 Profissionalização do futebol: reflexos no Tocantins e no Kaburé Esporte Clube

O futebol no Brasil passou por uma transição que refletiu não apenas a evolução do esporte, mas também as transformações sociais e econômicas do país. Inicialmente praticado de forma amadora, o futebol brasileiro gradualmente se profissionalizou, acompanhando o crescimento do interesse pelo jogo e a busca por uma estrutura mais organizada e lucrativa.

Os praticantes de futebol geralmente pertenciam a uma elite intelectual e social. Luz *et al*, (2015), destaca em seus estudos as três fases de desenvolvimento do futebol Brasileiro: O amadorismo, o profissionalismo marrom e o profissionalismo.

A fase do amadorismo predominou no futebol brasileiro do final do século XIX, passando pelas três primeiras décadas do século XX. Sua principal característica era a proibição, através dos estatutos das primeiras associações e federações, que jogadores recebessem qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar. Empresta-se ao jogo um significado pretensamente educativo (TOLEDO, 2000, p. 10).

Mesmo imerso nesta lógica elitista e amadora, o Bangu *Athletic Club* apresentava algumas características singulares. Fundado pelos mandatários da Companhia Progresso Industrial Ltda., o clube era localizado na periferia da cidade do Rio de Janeiro, muito distante da região central. Tendo em vista o número restrito de funcionários ingleses na Companhia, havia a dificuldade em formar dois times para a realização de treinamentos. Para resolver tal problema, a primeira estratégia utilizada foi convidar ingleses associados de outros clubes para completar a equipe do Bangu. No entanto, a longa viagem até o clube era um fator restritivo, o que fez com que o clube tomasse a última alternativa: incorporar operários brasileiros ao time (LUZ *et al.*, 2015.)

A fase do profissionalismo marrom se intensifica a partir desse precedente caso do Bangu A. C., com a escalação de operários – que desfrutavam de benefícios dentro da empresa – para disputar jogos de futebol. Com o intuito principal de obter vitórias, outros clubes tomaram decisões semelhantes. Como exemplo, pode-se aqui citar o Clube de Regatas Vasco da Gama que, em 1923, decidiu escalar jogadores negros e analfabetos para disputar o campeonato carioca. O Vasco tornou-se campeão daquele ano (LUZ *et al.*, 2015).

Tais fatos causaram profundas mudanças na estruturação das disputas futebolísticas. Embora ainda sujeito a uma lógica amadora e elitista, tornava-se necessária uma recompensa para que jogadores de menor condição econômica se dedicassem aos treinamentos e jogos. Obviamente, essas recompensas deveriam ser acobertadas, pois, uma vez descoberto, o clube poderia ser excluído de competições oficiais (LUZ *et al.*, 2015).

A partir da década de 1930, grande parte dos países latino-americanos já apresentavam uma estrutura profissionalizada do futebol – à exceção do Brasil. Por este motivo, passou a ser comum que jogadores brasileiros deixassem o país, com a perspectiva de atuarem como profissionais em clubes estrangeiros (LUZ *et al.*, 2015).

Gradativamente, foram ocorrendo mudanças no campo futebolístico brasileiro. Se no período amador, predominavam jogadores pertencentes às elites econômicas, agora clubes e equipes contavam com a presença de grupos socialmente marginalizados e empobrecidos, mas que em função do rendimento apresentado, recebiam um salário compatível a de um operário (LUZ *et al*, 2015).

Já na década de 1980, os reflexos desse processo se intensificam a partir da criação do estado do Tocantins em 1988, já que a região do antigo norte goiano, por diferentes motivos, ficou à margem dessa dinâmica. Em 1993, o presidente da Federação Tocantinense de Futebol (FTF) formalizou uma apresentação à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), detalhando as realizações da entidade nos dois anos de sua existência. Durante esta ocasião, foi proposta a profissionalização do futebol no estado, iniciativa que obteve aprovação dos dirigentes nacionais. Além disso, foi deliberado o ingresso de equipes tocantinenses em competições de caráter nacional, promovidas e organizadas pela CBF.

Com a evolução do profissionalismo no futebol no estado do Tocantins, a diretoria do Kaburé E. C. viu-se diante da necessidade de se adaptar rapidamente para participar das competições oficiais organizadas pela FTF. Em uma série de reuniões com os membros fundadores, foi discutido o processo de profissionalização do clube. Após um consenso, no ano de 1993 o Kaburé Esporte Clube foi oficialmente profissionalizado, filiando-se tanto à Federação Tocantinense de Futebol quanto à Confederação Brasileira de Futebol. (SILVA JUNIOR, 2012).

O próximo passo foi organizar a equipe para as disputas do primeiro Campeonato de Futebol Profissional do Estado do Tocantins em 1993. No entanto, mais uma vez por circunstâncias adversas, o presidente Dr. José Gaspar Silva de Moraes foi transferido para trabalhar em cidades vizinhas, resultando em uma nova troca na presidência do clube. Assumiu o cargo de novo presidente José Eustáquio Pires, mantendo o treinador Carlucio Divino Pereira no comando técnico da equipe. Sua missão era montar um time competitivo para o campeonato de futebol profissional do Tocantins, no entanto, o Kaburé E. C. não obteve um desempenho satisfatório, terminando na quinta colocação do certame (SILVA JUNIOR, 2012).

Outra competição estadual disputada naquele ano foi a Copa Tocantins que concedia uma vaga para a Copa do Brasil de 1994. Para disputa-la, houve a contratação de um novo treinador, Amarildo Gonçalves, que havia trabalhado nas categorias de base do Goiás Esporte Clube e do Atlético Clube Goianiense, ambos

de Goiânia. Junto a ele, veio o preparador físico Gilson Villas Boas, também do Atlético C. G. Novos reforços, provenientes das categorias sub-20 dos clubes goianienses também foram contratados (SILVA JUNIOR, 2012).

Com a chegada dos reforços, o Kaburé E. C. conquistou a Copa Tocantins, garantindo assim o direito de ser o primeiro representante do estado em uma competição nacional de futebol. Na final da Copa Tocantins, a equipe de Colinas venceu o Intercap de Paraíso do Tocantins. A formação da equipe na partida final foi: Marcinho, Luciano, Paixão, Alex, Vanderlei; Babauzinho, Juscelino, Luizinho e Gilberto; Taguá e Paulão (SILVA JUNIOR, 2012).

Figura 15 - Equipe do Kaburé Esporte Clube (1993)



Fonte: Silva Junior (2012).

Em 1994, o clube participou de três importantes competições: a Copa do Brasil, o Campeonato Estadual e a Copa Tocantins. Amarildo Gonçalves foi substituído pelo treinador Iduval Pontes, que tinha experiência prévia na Portuguesa/RJ e no Goiânia Esporte Clube. O novo treinador trouxe consigo o preparador físico Pedro José, vindo do futebol gaúcho (SILVA JUNIOR, 2012).

Durante a preparação para as competições o Kaburé E. C. desfrutava de uma estrutura incomum para os padrões do estado. Os jogadores ficavam acomodados em hotel e os materiais de treino e jogos eram novos. O clube continuou reforçando a equipe, com novas contratações tais como a de Cleisson e Luciano Ratinho, do Goiás Esporte Clube, e Edgar, Pedrinho e Wendel, do Inhumas Esporte Clube/GO. Foram dedicados 45 dias, com treinamentos físicos e técnicos, para a disputa da primeira

partida de um time profissional do Tocantins em uma competição nacional. O adversário da equipe de Colinas do Tocantins na Copa do Brasil era o América Futebol Clube do estado de Minas Gerais. O primeiro jogo da disputa ocorreu no dia oito de março de 1994, em Colinas do Tocantins, no estádio José Wilson Alves Ferreira, popularmente conhecido por "Bigodão" (SILVA JUNIOR, 2012).

Surpreendendo o adversário, o Kaburé E. C. derrotou o campeão mineiro pelo placar de 2 x 0 em seu estádio. Este resultado destacou o Kaburé E. C. como uma das maiores "zebras" da Copa do Brasil naquele ano (JORNAL DOS ESPORTES, 1994a)

Figura 16 – Capitães e equipe de arbitragem no jogo entre Kaburé Esporte Clube e América Futebol Clube (1994)



Fonte: Silva Junior (2012).

Na segunda partida entre as equipes, conhecida por "jogo de volta", realizada no Estádio Independência em Belo Horizonte, o América F. C. precisava vencer o Kaburé E. C. por uma diferença de três gols para conquistar uma vaga na próxima fase da competição. No entanto, o time mineiro conseguiu marcar apenas um gol durante a partida, encerrando o confronto com o placar de 1 x 0. A vitória não foi suficiente e a equipe mineira restou desclassificada (JORNAL DOS SPORTS, 1994b).

Na segunda fase da Copa do Brasil de 1994, o Kaburé E. C. enfrentou o Esporte Clube Comercial da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, que venceu a equipe tocantinense na primeira partida por 2 x 0. A formação do Kaburé E. C. para este confronto foi composta por Sérgio, Luciano Ratinho, Paixão, Alex, Edgar; Juscelino, Fábio Canela, Cleisson, Gilberto Carioca, Paulão e Pedrinho (SILVA JUNIOR, 2012; JORNAL DOS SPORTS, 1994c).

O segundo confronto aconteceu em Colinas do Tocantins, no dia 5 de maio de 1994. O Kaburé E. C. precisava reverter o placar desfavorável do primeiro jogo, mas um evento atípico afetou sua delegação: a maioria dos atletas, hospedados em um hotel, contraiu rubéola. Consequentemente, a equipe entrou em campo debilitada e com modificações que não produziram o desempenho esperado e o Kaburé E. C. não conseguiu reverter o resultado, sendo derrotado por 2 a 1, resultando na sua eliminação da Copa do Brasil de 1994 (SILVA JUNIOR, 2012).

Após a eliminação, a equipe disputou o Campeonato Tocantinense de Futebol, terminando o certame na sexta colocação. Já no segundo semestre de 1994, após o desempenho insatisfatório no campeonato estadual, o Kaburé E. C. concentrou seus esforços na Copa Tocantins, almejando o bicampeonato. A diretoria promoveu mudanças no comando técnico, trazendo de volta Carlúcio Divino Pereira como treinador. Além disso, novos jogadores foram contratados em clubes goianos, incluindo Fernandão, Mauricinho e Tomaz do Piracanjuba Esporte Clube; Luciano Goiano, do Atlético Clube Goianiense; Zé Ricardo, do Santa Helena Esporte Clube; André, do Anápolis Futebol Clube; além de Nika, do Villa Nova Atlético Clube de Minas Gerais e Romero, do Botafogo Futebol Clube da Paraíba (SILVA JUNIOR, 2012).

Com a equipe reforçada e contando com remanescentes da conquista de 1993, o Kaburé Esporte Clube sagrou-se campeão da Copa Tocantins de 1994, ao vencer o Tocantinópolis Esporte Clube na final pelo placar de 3 x 1. A equipe que garantiu uma nova participação na Copa do Brasil era composta por André, Luciano Ratinho, Fernandão, Paixão, Romero, Juscelino, Luciano Goiano, Mauricinho, Zé Ricardo, Ednaldo Pereira e Nika (SILVA JUNIOR, 2012).

Em 1995 a equipe do Kaburé E. C. novamente disputou três competições ao longo do ano: a Copa do Brasil, o Campeonato Tocantinense e a Copa Tocantins. Ewaldo Borges de Rezende retornando ao cargo de presidente do clube, manteve Carlúcio Divino no cargo de treinador. A diretoria também contratou um novo preparador físico, Ricardo Bugaia, que juntamente com a comissão técnica preparou a equipe durante 30 dias para a estreia na Copa do Brasil, contra o Maranhão Atlético Clube (SILVA JUNIOR, 2012).

A primeira partida disputada na capital maranhense, ficou no empate, mesmo o Kaburé E. C. terminando a partida com um jogador a menos. A equipe entrou em campo com: Tomaz, Garcia, Gilberto Cametá, Paixão, Romero, Juscelino, Fábio Canela, Ramon, Giordany, Nika e Gilberto Carioca. No segundo encontro, em Colinas,

o Kaburé E. C. ao vencer a equipe maranhense por 2 x 0, se classifica para a próxima fase da competição (SILVA JUNIOR, 2012).

Na sequência do torneio o Kaburé E. C. enfrentaria o Clube de Regatas Flamengo, do estado do Rio de Janeiro. Pela popularidade do clube carioca, a notícia repercutiu na região. A visita do C. R. Flamengo ao interior do Tocantins também foi assunto em diferentes jornais do país, relatando a jornada do clube carioca até a chegada em Colinas do Tocantins, destacando uma “peregrinação” até a cidade no interior do Tocantins. Além disso, foram destacadas características da competição nacional que ocorria simultaneamente às datas em que os clubes estavam disputando os campeonatos estaduais. Prevalencia a ideia de que, para um desempenho “satisfatório”, clubes considerados “grandes” deveriam dispor de uma segunda equipe para a disputa de jogos com clubes de menor expressão. Desta forma o C. R. Flamengo deveria ter cuidado para não expor sua equipe principal a tal jornada, priorizando a disputa do torneio estadual (JORNAL DOS SPORTS, 1995a).

Acatando essa tendência, o time do Rio de Janeiro poupou seus principais jogadores, fato que não comprometeu a movimentação na cidade de Colinas e região e nem a conquista da vitória sobre o time da casa pelo placar de 1 x 0, que entrou em campo com: Tomaz, Garcia, Paixão, Gilberto Cametá, Romero, Juscelino, Fábio Canela, Ramon, Gilberto Carioca, Nika e Taguá (SILVA JUNIOR, 2012, (JORNAL DOS SPORTS, 1995a; JORNAL DOS SPORTS, 1995b).

Figura 17 – Capitães e equipe de arbitragem no jogo entre Kaburé Esporte Clube e Clube de Regatas do Flamengo (1995)



Fonte: Silva Junior (2012).

Na partida de volta entre as equipes, marcada para dia 26 de abril de 1995 no estádio da Gávea no Rio de Janeiro, o time do Tocantins não foi bem e sofreu uma goleada pelo placar de 8 x 0, a maior de sua história até o momento. Improvisando alguns atletas, o time do Tocantins entrou em campo com a seguinte formação: Tomaz, Fábio Canela, Valdeci, Paixão, Romero, Gilberto Cametá, Juscelino, Ramon, Goirdany, Gilberto Carioca e Taguá (SILVA JUNIOR, 2012; JORNAL DOS SPORTS, 1995c).

Figura 18 – Matéria Jornal dos sports (1995)



Fonte: Jornal dos sports (1995).

O time retornou ao Tocantins para disputar mais duas competições. Desfazendo-se de alguns atletas o Kaburé E. C. conseguiu apenas a sexta colocação no Campeonato Tocantinense e a quinta posição na Copa Tocantins de 1995 (SILVA JUNIOR, 2012).

No ano seguinte, o Kaburé E. C. com apenas duas competições para disputar, (Campeonato Tocantinense e Copa Tocantins), a diretoria contratou o treinador Sérgio Belfort, com passagem pela Sociedade Imperatriz de Desportos, Bacabal Esporte Clube, Moto Club e União Atlético Araguaense. Juntamente com o novo treinador, chegaram novos jogadores, também oriundos do futebol maranhense: Fabinho, Duílio, Batista, Jader e Assis, da Sociedade Imperatriz de Desportos; Djalma, do Maranhão Atlético Clube; e Coxinha, do Sociedade Esportiva de Picos do Piauí (SILVA JUNIOR, 2012).

Com a chegada do novo treinador e dos reforços, o time do Kaburé E. C. disputou a final do Campeonato Tocantinense de Futebol contra a equipe do Gurupi Esporte Clube. Na primeira partida, na cidade de Gurupi, o Kaburé E. C. saiu derrotado pelo placar de 3 x 2. No segundo confronto, na cidade de Colinas o Kaburé E. C. venceu pelo mesmo placar de 3 x 2, levando a disputa para os pênaltis. Nas cobranças, a equipe de Gurupi levou a melhor e sagrou-se campeã do Campeonato Tocantinense de Futebol de 1996. Ainda restava a Copa Tocantins, a ser disputada no segundo semestre. Mirando mais uma participação na Copa do Brasil, a diretoria manteve no comando técnico da equipe Sérgio Belfort e contratou mais jogadores para fortalecer a equipe (SILVA JUNIOR, 2012).

Mesmo trocando de treinador durante a competição o Kaburé E. C. chegou à final da Copa Tocantins, enfrentando a equipe do Tocantinópolis Esporte Clube. Sob o comando técnico de Zezé Vieira, o primeiro jogo da final, disputado em Colinas, terminou com a vitória do Kaburé E. C. pelo placar de 3 x 1. Na segunda partida disputada na cidade de Tocantinópolis um empate em 0 x 0 deu pela terceira vez (1993, 1994, 1996), o título para a equipe de Colinas do Tocantins (SILVA JUNIOR, 2012).

Em 1997, o Kaburé E. C. voltou a disputar três competições ao longo do ano. Com um novo presidente, o radialista Domingos Santos, o comando técnico também foi alterado, retornando ao cargo Carlúcio Divino Pereira. A primeira competição a ser disputada seria a Copa do Brasil. Desta vez o adversário na primeira fase era a Associação Portuguesa de Desportos, vice campeã brasileira em 1996. A primeira partida ocorreu na cidade de Colinas., terminando com um empate em 1 x 1. A equipe do Kaburé E. C. entrou em campo com a seguinte formação: Dedé, Amarildo, Paixão, Barbosinha, Lôra, Juscelino, Mauro Baía, Alencar, Adauto, Ednaldo Pereira e Alexandre (SILVA JUNIOR, 2012).

O segundo confronto ocorreu no estado de São Paulo, no Estádio Dr. Oswaldo Teixeira Duarte, popularmente conhecido como Estádio do Canindé, com outra derrota pelo placar de 8 a 0, o Kaburé E. C. foi eliminado da Copa do Brasil. O time do Kaburé entrou em campo com a seguinte formação: Dedé, Valdones, Barbosinha, Paixão, Lôra, Leleta, Baiano, Juscelino, Adauto, Alencar, Ednaldo Pereira e Alexandre (SILVA JUNIOR, 2012).

Com um novo treinador, "Pereira", oriundo do futebol paulista, o clube de Colinas fez uma campanha razoável, ficando na quinta colocação do campeonato

estadual. Na Copa Tocantins, o Kaburé E. C. chegou às semifinais, sendo desclassificado pelo Associação Atlética. Ainda em 1997, o Kaburé E. C. interrompeu suas atividades. Contribuiu para isso, o término do mandato do prefeito Ewaldo Borges de Rezende, um dos fundadores do clube, ex-presidente e principal financiador da equipe através da prefeitura municipal (SILVA JUNIOR, 2012).

Em 2007, uma campanha liderada pelo radialista Baltazar Gomes, tentou reestruturar o Kaburé E. C. angariando recursos entre empresários e comerciantes locais. O clube conseguiu sanar pendências financeiras junto à FTF, o que possibilitou seu retorno ao futebol profissional. Chegou a disputar os campeonatos estaduais de 2007, 2008 e 2009. Severas dificuldades financeiras, e o rebaixamento para a segunda divisão do futebol tocantinense em 2009, forçaram o clube a mais uma vez encerrar suas atividades como clube profissional de futebol (SILVA JUNIOR, 2012).

Atualmente, o Kaburé Esporte Clube encontra-se inativo, com sua última participação no Campeonato Tocantinense ocorrendo em 2009, quando foi rebaixado. A análise desta trajetória evidencia a complexidade que envolve a manutenção de um clube de futebol, seja em nível amador ou profissional. A sustentabilidade de uma agremiação esportiva não pode depender exclusivamente de uma única figura, sendo necessário que haja um planejamento estratégico, estruturado em bases financeiras sólidas e em uma gestão participativa, composta por indivíduos comprometidos com a manutenção e o crescimento do clube.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de clubes de futebol no interior do Brasil, como é o caso do Kaburé E. C. de Colinas do Tocantins, reflete o forte vínculo cultural que o futebol exerce sobre as comunidades locais. No entanto, a manutenção de clubes oriundos de cidades de menor porte populacional e econômico, impõe desafios estruturais e financeiros significativos, que muitas vezes limitam sua longevidade. No caso específico do Kaburé E. C., fundado em 1985, sua ascensão inicial proporcionou à cidade de Colinas do Tocantins um protagonismo regional, com o clube obtendo conquistas expressivas e participando de competições de âmbito nacional. Contudo, tais êxitos não se sustentaram a longo prazo devido à fragilidade econômica e a dependência de uma única fonte de financiamento.

A análise dos fatores que contribuíram para as dificuldades enfrentadas pelo Kaburé E. C. aponta a ausência de um modelo de gestão escasso de patrocínios robustos. A dependência de investidores locais e o apoio limitado de uma pequena torcida, quando comparada às de grandes centros, evidenciam a vulnerabilidade de clubes de interior com essas características. Além disso, a carência de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de categorias de base e a ausência de uma gestão profissionalizada agravam a situação, limitando a competitividade e a sobrevivência desses clubes.

A trajetória do Kaburé E. C., com sua tentativa de reestruturação a partir de 2007, exemplifica as dificuldades enfrentadas pelos clubes de interior para se manterem ativos no cenário esportivo. Embora tenha havido esforços significativos para sanar problemas financeiros e retomar as atividades, a falta de estabilidade e de uma estratégia de longo prazo resultou em novos fracassos, culminando no rebaixamento e subsequente suspensão das atividades do clube.

Conclui-se que a experiência do Kaburé Esporte Clube serve como um representante da realidade enfrentada por clubes de futebol de menor porte no Brasil. Embora carreguem a identidade e o orgulho de suas comunidades, esses clubes precisam superar obstáculos relacionados à gestão, à infraestrutura e ao financiamento. A manutenção de uma agremiação esportiva requer uma abordagem multidisciplinar, que abranja não apenas aspectos técnicos, mas também um sólido planejamento administrativo e financeiro, além de parcerias estratégicas que garantam a sustentabilidade a longo prazo. O relativo sucesso esportivo do Kaburé E.

C. nos anos 90 serve como uma referência histórica valiosa, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de uma gestão eficiente para assegurar a continuidade de clubes dessa natureza.

REFERÊNCIAS

BRUYNE, P.; HERMAN, J. e SCHOUTHEETE, M. de. **Dinâmica da pesquisa e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Editora Ibrasa, 1990.

CARVALHO, Saulo de. **O futebol no norte Goiano (1979 – 1982)**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2023.

DIAS, C. A igreja, o estado e a bola: história do esporte entre os índios do Brasil central. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 1-271, jan./mar. 2012.

ÉCOS DO TOCANTINS. Esporte. **Écos do Tocantins**, Pium (Goiaz), ano I, n. 23, p. 4, 30 dez. 1951.

ÉCOS DO TOCANTINS. Torneio intermunicipal de futebol. **Écos do Tocantins**, Pium (Goiaz), ano VI, n. 403, p. 2, 27 out. 1956.

JORNAL DOS SPORTS. Abatidos, América-MG e Atlético jogam amanhã. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIII, n. 20.420, p. 5, 19 mar. 1994a.

JORNAL DOS SPORTS. Futebol brasileiro abre a porteira das zebras. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIII, n. 20.433, p. 5, 01 abr. 1994b.

JORNAL DOS SPORTS. Kaburé sonha continuar na copa. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIII, n. 20.460, p. 5, 28 abr. 1994c.

JORNAL DOS SPORTS. Flamengo joga com misto frio. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIV, n. 20.811, p. 12, 19 abr. 1995a.

JORNAL DOS SPORTS. Fla derruba o Kaburé: 1 a 0. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIV, n. 20.812, p. 1, 20 abr. 1995b.

JORNAL DOS SPORTS. Kaburé nem deu para saída. Mengão 8 a 0. **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro (RJ), ano LXIV, n. 20.20819, p. 1, 27 abr. 1995c.

JORNAL DO TOCANTINS. **Jornal do Tocantins**. Araguaína, ano I, n. 01, 18 a 25 mai. 1979.

LUZ, D. C.da; PUGLIESE, G.; CAVALCANTI, E. de A.; LISE, R. S. Do amadorismo ao futebol-espetáculo: Uma reflexão acerca dos clubes de futebol Brasileiros. **The Journal of the Latin American Sociocultural Studies of Sport**. Curitiba, v. 5, n. 1, p. 34-45, 2015.

MELLO, D. B. de. **Entre índios e revoluções**. (Pelos sertões de São Paulo, Mato Grosso e Goiás de 1911 a 1941). São Paulo: Soma, 1980.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 37, p. 179–188, 1999.

NASCIMENTO, J. B. do. **Tocantins**: História e geografia. Goiânia: Bandeirante, 2009.

NASCIMENTO, J. B. do. **Geografia e história de Colinas do Tocantins**: apostila versão 1.0/2024.

PALACIN, L.; MORAES, M. A. S. **História de Goiás (1722-1972)**. 5ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1989.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e da modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 345 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: ideologia de poder. Petrópolis: Vozes, 1984.

RIBEIRO, Jean Carlo. **A capital dos esportes**: poder, idealismo e hábitos físico esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945). Goiânia: Kelps, 2021.

SILVA JÚNIOR, Juscelino Ferreira da. **Kaburé Esporte Clube**: sua história e conquistas. Fundação Unirg, Centro Universitário Unirg, 2012.

TOLEDO, L. H. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (2000).